

Elvio Fernandes Gonçalves Junior

(1992, São Paulo - SP) é bacharel e licenciado em Letras – Português/Linguística pela Universidade de São Paulo, pesquisando a obra de Manoel de Barros. Participou, em 2011, do coletivo de poesia Facas na Manga e em 2016 venceu a 1ª convocatória Malha Fina Cartonera, tendo seu primeiro livro (que na verdade é o segundo), *O coração em si*, publicado em 2017. Possui poemas publicados na revista eletrônica Mallarmargens e no blog da Editora Malha Fina Cartonera.

E-mail: elvio.goncalves@usp.br

hipótese da mão

Através de um processo equivalente à metáfora, a mão aberta contém as formas delirantes de um corpo feminino, trazendo pelas intersecções de suas linhas a complexidade do seu destino, a exuberância alucinada, todas as tradições: o princípio Feminino do Mundo, seu natural maligno, a ascendência ao sagrado e o sentido do oculto.

- Leila Ferraz

*Noite submersa em tremores.
Esplendor de infernos devassados. Pousa tua mão
na esfera crepitante de meus sentidos.*

- Floriano Martins

I

Quando toda constelação se refaz num sopro, as luzes dividem as palavras contra as janelas. Quando o vértice da pele rebate lentamente as malhas, toda a vida do carbono se põe ao fundo de avenidas. Quando as fibras de um movimento luminoso se desprendem de um círculo, todas as sombras conduzem ao ouro.

II

Descubro então a incorpórea consistência dos destroços, a insônia que se desdobra nas demolições quando o labirinto se esquiva das mãos exumadas no deserto. As asas se desfolham até o meio das escoriações onde a sombra recolhe as flores. Cavernas pousam seus suspiros. Os olhos deixam seus rastros na tapeçaria dos espelhos.

III

As chamas pálidas que recobrem a superfície são seus lábios inalcançáveis. Seu suor é o signo de um verso que repousa sobre o susto. Desejaria então uma caminhada cega que pudesse solver as pálpebras com a velocidade de um truque, um gesto efêmero de animal que arde sobre um algarismo intocável. Desejaria então que tudo se resguardasse no seu leito impreciso, repleto das litografias tímidas de um rio intumescido na memória.

IV

Guardar o nome revela uma clareira, e sobre ela nossos passos invasivos, a dança de cristais que começam nas circunferências inauditas de um assobio. A rosa que trazemos conosco relampeja, como se a voragem de nossa entrega se fizesse luz, e os pássaros iniciassem uma balbúrdia que

desvanecesse num instante. As convulsões. A claridade. E tudo em torno de nós, como ritual.

V

A porta murmura como se toda a casa se retorcesse entre fagulhas. À semelhança do balbucio, o rosto inesperado se emoldura em estilhaços. Escuta-se no limiar do reflexo a música de astros translúcidos. Pouco a pouco nos levantamos enquanto um ruído insemna violentamente a terra, como se o desejo de fabulações não fosse o suficiente para compor sua escultura retorcida. Limites transpostos, tudo se ancora na carne, no turbilhão de epidermes inflamadas pelo riso. Um vulto submerge nesse incêndio. No limite do espelho, o tempo decifra o rosto.

VI

Cordilheiras por onde os lábios avançam, ferrovias coléricas em que se precipitam através de edifícios e de aquários. Válvulas que se soltam na parte inferior da noite (onde as matilhas se encontram com intimidade). A língua trêmula espera em suspensão diante de estranhas emanações, plumagens onde as mãos se precipitam e desvanecem encontrando seres que se esgueiram, ocultos. Assim um corpo desvenda outro corpo, descobrindo novas bifurcações e caminhos no relâmpago dos minutos.

VII

Por todos os lados aguardo uma forma que se manifeste. Sei dos lábios que se contraem na comemoração do fogo. Saúdo a beleza quando tudo é agressivo e alguém deposita sob os abetos a música de um inverno noturno. E nos interstícios do sangue permanece a minha face, que as violetas se ocupam em dilacerar com a lâmina do azul. Então um suspiro nos ofusca. Raízes se partem e se desvencilham

da terra, despedaçam minuciosamente nossos corpos e os remontam num abraço. Vislumbramos as ramificações da neblina, os anzóis do vento, os corações sacrílegos que oscilam na tempestade, os cílios azulados da penumbra. E os hieróglifos da sombra já não se evadem diante da possibilidade do toque. A mão se torna negra quando toca a rosa de um poder furtivo.